



Leo Rosario/Globo/Divulgação



**Du Moscovis repete a parceria com Andréa Beltrão em *No Rancho Fundo***



Globo/Divulgação

**Com Priscila Fantin, os mocinhos apaixonados de *Alma Gêmea*, de 2005**

gêmea, e era um personagem complexo, porque não era um mocinho solar e leve como o Nando e o Petrushio, por exemplo. Ele sofria muito desde o início, e acabava tendo também essa camada de aridez e amargura”, recorda.

Ex-estudante de administração de empresas, Eduardo carrega, entretanto, um posicionamento crítico às exhibições dos trabalhos passados. “Eu acho que a gente tem uma discussão séria. Uma coisa é eu gostar das reprises, outra coisa é a gente profissionalmente estar atento aos direitos de imagens. Estamos nas plataformas digitais e não recebemos quase nada por isso. Por um lado, me deixa feliz, porque é um trabalho que as pessoas assistem e gostam; mas, por outro, profissionalmente, estou sendo desrespeitado por isso. Essa é a questão. É uma nova era que a gente está tendo que lidar. Está muito defasado, a gente precisa equalizar isso. Enfim, a gente só quer os direitos”, reivindica.

## Sem defesa

Se o Quintino Ariosto da novela fabulesca das 18h da Globo desperta um mínimo de defesa do intérprete, esse não é o caso de Brandão, o personagem perverso e totalmente do mal que Eduardo Moscovis viveu na primeira temporada da série *Bom dia, Verônica*, na Netflix. Um policial corrupto, abusador da esposa Janete (Camila Morgado), torturador e assassino de mulheres e algoz da protagonista vivida por Tainá Muller.

“Ali, nem era uma questão de ser vilão ou alguém árido. Estamos falando de um serial killer, um psicopata. Foi uma construção diferente, porque a gente já sabia onde estava entrando — eu, a direção e as pessoas estavam envolvidas artisticamente na criação, me ajudando na composição”, argumenta o ator.

Du confessa que teve muita dificuldade no começo da produção, até pouco antes de

gravar a série — trabalho pelo qual venceu o Prêmio APCA de Melhor Ator de Televisão em 2021. “Tive muita resistência, de aceitar o papel a incorporá-lo. Eu estava com os textos dos episódios nas mãos, tinha feito meu estudo todo, visto documentários, lido livros, investigava tudo. Mas no Brandão mesmo, eu não conseguia entrar. Foi complicado conceber essa criatura tão monstruosa”, desabafa, frisando que a colega Camila Morgado foi fundamental nessa construção.

“Espero que as pessoas tenham gostado do trabalho, porque foi, sim, um processo bem intenso e dolorido. E que a sociedade enxergue, através do Brandão, o quanto o machismo pode ser mortal”, conclui o artista, que, encontrou no humor uma forma de escapar do rótulo de galã da tevê e, entre os compromissos no audiovisual, se mantém no teatro, em turnê com a peça cômica *Duetos*, ao lado de Patrícia Travassos.